

## MITOPOESE NOBREANA E A PERSONIFICAÇÃO DO COSMOS

Felipe Frasson Fusco<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho busca interpretar uma das manifestações arquetípicas do feminino no elemento lunar dentro do Só de António Nobre, através de três poemas essenciais – “Memória”, “António” e “Da influência da lua” –, colocando a obra em diálogo com uma correspondência em que o poeta manifesta valores opostos entre o dia e a noite. Entenderemos aqui que a relação eu-mundo, embora vivenciada com (aparente) separação radical pelo sujeito moderno, foi dotada de cumplicidade nos primórdios da humanidade e permaneceu, como vestígio, surgindo em projeções da psique. No campo psicológico, Jung e seus discípulos perceberam traços médios da experiência humana modelando imagens religiosas, a princípio, e oníricas mais tarde. Nesse contexto, há um grupo entendido por imagens do “feminino” – que, conforme Campbell e Neumann, dizem respeito a uma gama de valores, dentre os quais a espacialidade, temporalidade, criação, proteção e regeneração. Algumas abordagens já abarcaram o componente lunar na obra nobreana, em relação às quais acreditamos apresentar uma síntese, bem como um referencial que não encontramos utilizado até o momento. Ao nosso entender, Nobre opera algumas projeções de tais elementos na Lua, tanto na obra Só quanto na correspondência a Alberto de Oliveira em 4 de outubro de 1890. Decorre daí encontrarmos, no corpus analisado, manifestações da Lua exercendo poder sobre a temporalidade, especialmente do eu-lírico, sobre a criação deste e sobre a materialidade do cosmos.

**Palavras-chave:** António Nobre, Arquétipos, Feminino, Lua.

<sup>1</sup> Bolsista com apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL, felipefr.f@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

**E**m nosso tempo, a hegemonia do poder, atribuída por séculos à camada masculina da sociedade ocidental (de que Portugal não é exceção), é questionada com mais intensidade do que nunca. No entanto, se dizer que tal questionamento se iniciara efetivamente nos campos das artes portuguesas ao fim do século XIX seria anacronismo, vemos como, nesse contexto histórico, o prejuízo psíquico causado pela unilateralidade do “masculino” sobre o “feminino” se manifesta ruidosamente. Nesse sentido, vale a revisitação à obra de Antônio Nobre para nos perguntarmos: onde está o feminino em Nobre?

Não se propõe aqui a análise das personagens mulheres presentes no *Só*. Concentrar-nos-emos nas personificações da “feminilidade” (arquetipicamente considerada) da Lua, receptáculo para tais projeções, nos poemas “Memória”, “Antônio” e “Da influência da lua”. Tais poemas entrarão em diálogo com uma carta de Nobre em que entendemos se estender o simbolismo do corpo celeste. Acreditamos, assim, ver na sensibilidade estética do autor do livro mais triste que há em Portugal uma concentração e aparição, através de imagens primordiais, do que o Ocidente negou historicamente, a saber, a dimensão feminina do psiquismo humano.

## METODOLOGIA

A pesquisa se valeu de dados qualitativos, empreendendo o modelo interpretativo em que “x significa y” (DURÃO, 2020, p. 31); no caso, vendo uma continuidade simbólica entre o feminino arquetípico o elemento “Lua” nos poemas e cartas selecionados. A edição do *Só* considerada foi a segunda, publicada em vida do poeta, em função de sua acentuada reorganização relativamente à primeira, a qual inclusive afetou o simbolismo do traço aqui analisado à economia verbal da obra. A carta selecionada, por sua vez, interessa-nos por propiciar a leitura almejada, uma vez que configura, ao nosso ver, a manifestação daquilo que Diaz (2016, p. 46) chamou de “saber vivo”; no caso, em relação à simbologia psicológica da Lua por Nobre. Os poemas selecionados condensam, ao nosso ver, as linhas de força que o elemento lunar assume no resto da obra, razão pela qual os privilegiaremos aqui. Em outras palavras, não acreditamos haver conotações para a Lua no *Só* que não apareçam em “Memória”, “Antônio” e “Da influência da lua”.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em termos de Teoria Literária, a personificação é um tropo genérico. Também denominada “prosopopeia”,

“[...] consiste em atribuir vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais, ausentes, mortos ou abstratos. Espécie de humanização ou animismo, pode dar-se de vários modos, a saber: quando se conferem qualificativos próprios do ser humano a objetos inanimados e a abstrações [...]; ao emprestar às coisas inanimadas poder de ação peculiar aos seres vivos [...]; quando, nas apóstrofes, nos dirigimos aos seres inanimados como se fossem capazes de inteligência ou compreensão.” (MOISÉS, 2013, p. 385)

Para além de efeito estético daquilo a que nomeamos “literatura” (ou sua versão mais polêmica, a “grande literatura”), a atribuição de características humanas a elementos inermes é parte fundamental da ligação do eu com o mundo. Na realidade, a rígida distinção entre sujeito e objeto que (às vezes) conservamos, manifestada na dessacralização da natureza, é antes um advento recente (ELIADE, 2018, p. 126) do que nossa efetiva ligação com o cosmos. Essa ligação constitui parte da psique humana, de balde os esforços do consciente em se desvincular do seu entorno físico. Essa correspondência entre interior e exterior, no que antes era do chamado “ser humano primitivo”, é incorporado no moderno como fenômeno da projeção (NEUMANN, 2021, p. 55).

A psicologia conforme praticada por Jung e seus seguidores, entre os quais encontramos Neumann, observou, na mitologia, enredos que representariam o desenvolvimento psíquico do eu. A arte, por sua vez, seria outra manifestação possível de tais enredos. Uma vez que o inconsciente coletivo pertence ao patrimônio comum da humanidade, a ele se ligam as imagens primordiais, os arquétipos. Sua universalidade é dada por serem o acúmulo de experiências humanas similares (JUNG, 2013, p. 82) ao longo de séculos na estrutura psicológica humana. Sob essa ótica,

“[...] a consciência considera o inconsciente simbolicamente como feminino e a si mesma como masculina. As fases do desenvolvimento da consciência então ocorrem, uma após a outra, como o embrião que está contido dentro da mãe, numa dependência infantil do materno, como a relação do filho-bem-amado com a Grande Mãe, e finalmente como a luta gloriosa do herói masculino contra a Grande Mãe” (NEUMANN, 2021, p. 152).

Tal divisão entre os gêneros, na mitologia, implica em atribuir ao “feminino” determinados valores e potências. À mulher liga-se a periodicidade da existência humana, por associações tanto à sua capacidade gerativa (gravidez) quanto pela repetição do ciclo menstrual – seu elo com o tempo cíclico é natural. Além disso, liga-se à espacialidade, uma vez que incorpora a experiência sensível da matéria: “o mundo, a vida, a natureza e a alma são vivenciadas como femininas geradoras e nutridoras” (NEUMANN, 2021, p. 152). Seu equivalente celeste, nesse sentido, pode ser identificado à Lua, como se atesta nas imagens antigas da Grande Deusa enquanto “senhora do superior e do Céu, especialmente do céu noturno, representante do destino” (NEUMANN, 2021, p. 123).

Uma vez que o princípio ordenador do tempo, o princípio que preside a morte e o nascimento, se identifica com o feminino (CAMPBELL, 2015, p. 140, 301), a Lua, astro de dupla jornada – tanto percorre o céu noturno quanto metamorfoseia-se de lua-nova a lua-cheia – torna-se um receptáculo favorável à projeção de características da dimensão feminina da psique. Campbell (2015, p. 39) também vê correspondência, no entendimento dos humanos do paleolítico, entre o ciclo menstrual e o lunar.

A presença do feminino na poesia nobreana, desvinculada de amarras biográficas, foi alvo de ensaios como os de Garcez (1993) e Cardigos (1991). A proposta de Garcez (1993, p. 53), em especial, entende o livro mais triste que há em Portugal como “poesia de resistência ao ‘mal do século’” e acentua o papel, nele, das personagens femininas, como Purinha, que questiona se não poderá ser vista como uma “medicina para a exaurida alma do homem finissecular” (GARCEZ, 1993, p. 53). Ferreira (1993, p. 47), por sua vez, deu atenção maior ao elemento lunar, lendo nele a possibilidade de uma repetição cíclica dentro do universo poético do *Só*. Também Fernandes e Garmes (2009, p. 30-31), discutindo as divisões “Lua Quarto-Minguante” e “Lua-Cheia” da obra, destaca o simbolismo “associado a uma postura mais intimista ou mesmo à morte”. Ampliando tais perspectivas, entendemos a irrupção do feminino primordial como possível chave de leitura do *Só* e pilar para o reencantamento do mundo de Antônio/Anto, de que a Lua será manifestação fundamental e multifacetada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em carta a Alberto de Oliveira em 4 de outubro de 1890, Nobre narra uma das recolhidas à sua “Torre de Anto”, meditando em torno da paisagem lá contemplada ao expirar madrugada. Vê ali uma “paisagem religiosa, milagrosa [...] – pareceu-me que estava num mundo extinto, todo espiritual, onde só um homem vivia, que era o Anto encantado, na sua Torre” (NOBRE, 1982, p. 104). Mas logo se desfaz a atmosfera onírica da visão:

Mas depois que o Sol, luzindo alto já, aclarou bem a Terra, e a Universidade se pôs a dar horas, e os pregões dos papéis públicos apunhalavam esganiçadamente o ar, vindo ainda ferir-me os ouvidos; quando a ignóbil Coimbra se levantou da cama, por escovar e sem banho; [...] eu caí, ainda mais uma vez (nunca é a última), na desilusão das Coisas e fiquei-me triste a cismar [...] Decididamente, Alberto, são os homens que fazem o mundo feio, lhe tiram a sua espiritualidade, e depois dos homens, o Sol. O bem é viver, na Torre e só na Torre, cerrar as ogivas sobre o dia e abri-las, pela noite, toda a noite, horas em que se fecham para a Vida as janelas e varandas burguesas. (NOBRE, 1982, p. 104-105)

Nobre manifesta aqui uma clara oposição entre o dia e a noite. Aquele, representado pelo Sol (com maiúscula), liga-se à vida burocrática: a Universidade, os papéis públicos. Trata-se, sob o signo solar, do mundo desencantado, para o qual se abrem as “varandas burguesas” e sua racionalidade que nega a vitalidade irracional do mundo. Diz que são os homens que fazem o mundo feio, e podemos ler “homens” nessa passagem não como referente à humanidade inteira, mas como especificamente a parcela masculina. Essa comparação se estende ao sol, por conseguinte, o qual, como na maioria dos mitos ocidentais, foi ligado a heróis masculinos e à razão. Na contraparte, a noite preserva o poder do encanto, e a ela se associa então a lua, como refletirá a poesia do “livro mais triste que há em Portugal”.

A primeira aparição significativa da lua em Só é no poema de abertura, “Memória”. Pois “Mais tarde, debaixo dum signo mofino, / Pela lua-nova, nasceu um menino” (NOBRE, 2009, p. 51), o eu-lírico do poema. Seu nascimento leva a fase da lua nova por referência, numa simbiose entre eu e cosmos; a lua nasce com o enunciador. Tal identificação resulta também num vaticínio: o personagem, herói (solar, lunar?), também atingirá seu estado de elevação (uma vez que surge na lua nova, seu ápice é

a lua-cheia, a primeira das duas partes da obra intituladas pelo astro) e regressará ao estado inicial.

A lua nova é o estágio em que a face escura da lua se torna a mais eminente. É envolta, no entanto, pelo halo da face clara. Em “Memória”, o eu poemático recém-nascido jaz deitado num “berço de prata” (NOBRE, 2009, p. 51), tal qual a lua nova é rodeada pela luminosidade, reforçando a identificação já apresentada. Na sequência, a potencialidade de destino atribuída ao feminino se faz presente, pois é nesse estado que as três moiras vêm e realizam sua previsão. Justapõe-se à lua (e ao enunciador, que lhe partilha a identidade) a noção intuitiva dos tempos passado-presente-futuro, o que, segundo Neumann (2021, p. 223), se explica no fato de que “a Grande Deusa também é a senhora da lua, pois lua e céu noturno são as manifestações evidentes e observáveis do processo temporal no cosmo”.

O simbolismo lunar como avatar do eterno retorno e arquitetura geral da obra foi apontado, conforme já observado, por Ferreira (1993), em oposição a Fernandes e Garmes (2009, p. 30-31), que veem nessa mesma arquitetura um caminho à morte e ao recolhimento. À luz de Campbell (2015, p. 61),

A lua traz em si sua própria morte, na forma de uma sombra crescente, como todos nós. Mas ela tem o poder de se livrar da sombra e ressurgir. Portanto, a lua representa para nós a promessa de renascimento, a força da vida engajada no tempo e no espaço que descarta a morte e renasce.

Desse ponto de vista, somos tentados a aliar nossa opinião à de Ferreira (1993). A opção de Nobre por simbolizar a morte através da lua, para a qual a morte (simbólica) é ciclicamente associada ao ressurgimento, não pode ser ignorada. Dos itens que o paradigma “morte” é capaz de assumir, a escolha do autor privilegia justamente a de um corpo celeste de movimento cíclico, não de quebra da história e desaparecimento irrevocável do sujeito, não, portanto, da morte como fim último, mas como etapa de transição.

Também se faz notar que “lua” surge no poema “Memória” gramaticalmente como adjetivo para o eu-lírico: “E assim se criou um anjo, o Diabo, o *lua*” (NOBRE, 2009, p. 52). Parece-nos, a essa altura, que o astro se torna síntese entre os opostos; o ser angélico se contrapõe ao diabólico, mas ambos fazem parte do mesmo, representado pela lua, que possui sua face iluminada e obscura. Podemos ver, portanto, que em

Nobre o feminino apresenta sua dimensão positiva (Mãe Bondosa está para anjo) e também negativa (Mãe Terrível está para Diabo), ambos resumidos aqui na caracterização “o *lua*”.

O elo simbólico lua-tempo reaparecerá no longo poema seguinte, “Antônio”. Nas estrofes iniciais deste, a lua tem o poder de evocar o passado:

Ó velha Carlota! tivesse-te ao lado, / Contavas-me histórias: / Assim... desenterro, do Val do Passado, / As minhas Memórias. [...] // Erguei-vos, defuntas! da tumba que alveja / Qual Lua, à distância! / Visões enterradas no adro da Igreja / Branquinha, da Infância. [...] // Lá vem a Carlota que embala uma aurora / Nos braços, e diz: / “Meu lindo Menino, que Nossa Senhora / O faça feliz!” (NOBRE, 2009, p. 57-58)

Uma série de paralelos encadeiam três imagens: 1) a “velha Carlota” contando histórias ao eu-lírico; 2) o próprio eu-lírico evocando suas memórias mortas, brilhantes no sepulcro como a “Lua, à distância!”; 3) por fim, retorna a Carlota, dessa vez carregando o Menino – em nítida continuidade em relação a “Memória”. Carlota encarna, nesse trecho, a função de moira do passado, dado ser aquela que participou do passado do eu-lírico, porém, ao carregar uma “aurora” nos braços, leva o embrião do futuro, ocupando ambos os tempos (retornando na estrofe última do poema e repetindo sua fala, mas no tempo presente e modo indicativo, constatando o malogro de seu desejo inicial). Ao lado dessa figuração da criada, surge a Lua com que o poema compara os túmulos das memórias, iluminando-as de branco e, uma vez que tais mortos são ressuscitados no poema, também tem a carga simbólica da renovação, do renascimento, tipicamente feminina. Ambos os valores se sintetizam na imagem da igreja “Branquinha, da Infância”, invólucro uterino<sup>2</sup> da criança e guarda de sua pureza.

Na sequência, a anti-voz do poema, que estará se manifestando à noite, dirá que “a neve cai, como farinha, / Lá desse moinho a moer, no Ar” (NOBRE, 2009, p. 60), clamando em seguida que um enigmático Moleiro não desperdice tal farinha. Podemos inferir a partir da cena noturna em que se desenrola o monólogo dessa voz secundária que, nessa imagem, o moinho aéreo seja a lua; a moagem, enquanto atividade de transformação

2 Campbell (2015, p. 19) compara as cavernas usadas em ritos no Paleolítico, “ventres da deusa Terra”, às catedrais, ventres da “Mãe Igreja”.

da matéria (variante do cozer, do moldar etc.) é ligada ao poder criador do feminino<sup>3</sup>.

Sua conotação espiritual surgirá adiante no poema “Antônio” na “Lua aspergindo / Luar, água-benta” (NOBRE, 2009, p. 62). Já em outra estrofe, ela é caracterizada como ceifeira que baila na terra (NOBRE, 2009, p. 64), ou seja, senhora do tempo, da morte e das plantas (representados na sua relação com a ceifa), bem como a ligação com a dança é tradicionalmente atribuída aos arquétipos femininos pelo seu efeito febricitante, envolvente e pela ligação com o corpo. Tal efeito é enfatizado pela sua última aparição de peso no poema, ao dizer que a “Prima doidinha por montes andava / À Lua, em vigília” (NOBRE, 2009, p. 66), ligada ao tema da loucura.

Em “Da influência da lua”, no entanto, assistimos à tematização do astro, o que leva o poema a trazer os dados mais essenciais à nossa análise. Com tal título, podemos entender que as cenas pintadas pelo eu-lírico ao longo das oito estrofes que compõem o poema são todas resultado da suposta ação do astro sobre a natureza. A primeira palavra do texto, após o título, é “Outono” (NOBRE, 2009, p. 139), sugerindo que a primeira “influência” da lua é sobre as estações – portanto sobre a passagem do tempo – como será reiterado na sexta estrofe. A cena de abertura é o ocaso, o sol que morre, entrando o astro masculino no universo materno de onde deverá regenerar em seguida. A segunda estrofe apresenta a paisagem invertendo suas propriedades materiais aos sentidos do observador: os rios são “como estradas líquidas” e as estradas sob o luar “parecem verdadeiros rios!” (NOBRE, 2009, p. 139); a ação da lua aqui está ligada ao poder de transformação feminino, atuando no nível sensível.

A estrofe terceira põe lado a lado os choupos, tremendo de frio, e as lavandiscas em núpcias. O eu-lírico justapõe a figura da morte (os choupos) com as do nascimento (as lavandiscas em ato sexual criador), como a esse ponto não deve-se estranhar, depois de comentarmos “Memória”: morrer e renascer andam lado a lado no feminino arquetípico, a morte é experiência de passagem para uma renovação. Tanto é que, nas duas estrofes subsequentes, o orvalho cai do céu regando “O val sem fruto,

3 Na sexta quadra de “Para as raparigas de Coimbra”, o astro não será o moinho que produz a farinha, mas a própria farinha transformada em hóstia (NOBRE, 2009, p. 103), fundindo a imagem do alimento (função nutridora, portanto) à relação com o sagrado, tomando assim também uma dimensão espiritual.



a terra árida e nua!” (NOBRE, 2009, p. 140), mostrando a força da lua enquanto potência criadora da vida.

Esses efeitos serão arrematados por fim nas antepenúltima e penúltima estrofes:

“A Lua! Ela não tarda aí, espera! / O mágico poder que ela possui! / Sobre as sementes, sobre o Oceano impera, / Sobre as mulheres grávidas influi... // Ai dos meus nervos, quando a Lua é cheia! / Da Arte novas concepções descobro, / Todo me aflijo, fazem lá idéia! / Ai a ascensão da Lua, pelo Outubro!” (Idem, ibidem)

A Lua age sobre as mulheres grávidas com o mesmo poder que sobre as sementes e o Oceano; mais ainda, sobre o enunciador, que vê-se debaixo de seus efeitos como se percebe tanto pelo ato criativo que metalinguisticamente empreende (elaborar uma obra de arte sobre os efeitos que o astro exerce na próprio impulso artístico) quanto pelo fato de “Da influência da lua” ser o primeiro poema da parte “Lua-Cheia” do *Só*. Simbolicamente, portanto, a influência da Lua gera o poder criativo capaz de cantar o próprio corpo celeste – o que não nos deverá surpreender, à medida em que, como se viu em “Memória”, ela também influiu no nascimento de seu próprio cantor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia dia-noite, sol-lua, é tratada geralmente como um lugar-comum para distinguir convenções artísticas. Nobre, no entanto, ultrapassa esse padrão, redimensionando os valores humanos projetados nos astros Sol e Lua. Dessa maneira, encontramos, em sua carta a Alberto de Oliveira, a 4 de outubro de 1890, uma experimentação dos efeitos díspares da noite e do dia. A noite, na carta, é espaço vital, é um tempo em que a espiritualidade assalta novamente a alma desencantada do homem português de classe privilegiada finissecular, em oposição ao dia, “feio”, e capaz de ferir o sujeito e sem espiritualidade.

Essa visão, conforme observamos, acompanha a lírica nobreana, dando à Lua características humanas e poderes sobre a matéria e o humano. Daí que ela seja, em “Memória”, presságio cósmico à jornada do eu-lírico, bem como seu berço. Está também ligada ao poder de evocar o passado em “Antônio”, paralelamente à ama Carlota contando histórias e carregando o infante sujeito poético nos braços. Mais adiante,

encontramos também o poder do astro sobre a fertilidade da terra e pelo frenesi criativo.

Já em “Da influência da lua”, somando-se às características anteriormente apresentadas, vemos o corpo celeste aliar vida e morte, na justaposição das lavandiscas em núpcias com os choupos, assim como transformar o mundo fenomênico – as estradas em rios, aos sentidos do eu-lírico. Daí observarmos, enfim, a dimensão metalinguística desse poema criada justamente em um jogo com os efeitos provocados pelo astro.

Podemos constatar, à guisa de conclusão, que a Lua manifesta claramente uma série de características de arquétipos femininos, com ampla prevalência do materno: é senhora do tempo e do espaço, da criação e da morte, das vidas vegetal, animal e humana.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph; ROSSI, Safron (Org.). **Deusas**: os mistérios do divino feminino. Tradução de Tônia Van Ackerj. 4 ed. São Paulo: Palas Athena, 2015. Tradução de: Goddesses: mysteries of the feminine divine. 352 p.

CARDIGOS, Isabel. Os figos pretos de António Nobre. **COLÓQUIO/Letras**, Lisboa, n. 120, p. 25-41, abr. 1991.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016. 272 p. Tradução de: L'Épistolaire ou la pensée nomade.

DURÃO, Fabio Ackelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020. 128 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. Tradução de: Le sacré et le profane. 192 p.

FERNANDES, Annie Gisele; GARMES, Helder. António Nobre. In: NOBRE, António; FERNANDES, Annie Gisele (org.); GARMES, Helder (org.). **Só - seguido de Despedidas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 11-48.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Para uma interpretação mítica do “Só”. **COLÓQUIO/Letras**, Lisboa, n. 127-128, p. 45-52, jan. 1993.

GARCEZ, Maria Helena Nery. António Nobre: um simbolista singular. **Estudos portugueses e africanos**, Campinas, Unicamp, n. 7, p. 49-67, 1986.

\_\_\_\_\_. Singularidades de um simbolista português. **COLÓQUIO/Letras**, Lisboa, n. 127-128, p. 53-64, jan. 1993.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria de Moraes Barros. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Tradução de: Über das Phänomen des Geistes in Kunst und Wissenschaft. 168 p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 536 p.

NEUMANN, Erich. **A Grande mãe**: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Netto. 2 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2021. Tradução de: Die Grosse Mutter: Eine Phänomenologie der Weiblichen Gestaltungen des Unbewussten. 576 p.

NOBRE, António. Correspondência. In: NOBRE, António; CASTILHO, Guilherme de (org.). **António Nobre**: Correspondência. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982. p. 41-488.

NOBRE, Antônio; FERNANDES, Annie Gisele (org.); GARMES, Helder (org.). **Só - seguido de Despedidas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 464 p.